

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

05. OUSAR IR EM FRENTE PARA RESPONDER AOS APELOS DA MISSÃO, À comunidade de Bourbon

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 05. OUSAR IR EM FRENTE PARA RESPONDER AOS APELOS DA MISSÃO, À comunidade de Bourbon. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/61>

This III is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

Congregação do Espírito Santo

5. OUSAR IR EM FRENTE PARA RESPONDER AOS APELOS DA MISSÃO

À comunidade de Bourbon ¹⁵⁰

O P. Libermann acaba de assumir compromissos missionários nas Duas-Guinés com D. Barron; os confrades de Bourbon criticam este alargamento do campo missionário: será que o superior da Congregação pesou bem os riscos desta multiplicação de compromissos? Será que foi mesmo prudente? O P. Libermann responde assim às suas críticas, interesseiras, sem dúvida (tinham medo de não receber mais missionários): nada de querer garantido o sucesso ainda antes de lançar mãos à obra. Não é a Providência que nos guia a par da prudência humana?

La Neuville, 25 de Fevereiro de 1844

Caríssimos irmãos,

Demorei a responder-vos porque tenho muito para vos dizer. Já estais ao corrente do projeto da Guiné, pois os PP. Collin e Blanpin ainda aqui estavam quando o assunto começou a ser tratado. Aceitei-o porque o de São Domingos tinha falhado, e o de Bourbon, embora tido como seguro, não podia dar-nos grandes garantias, por lá não sermos apoiados pelo Governo. Tínhamos cinco missionários, todos ardorosos, que já não aguentavam mais estar desocupados, a verem gorar-se uma a uma todas as suas esperanças e a Congregação confinada só à ilha de Bourbon, onde estava por um fio. Recusar a Guiné, equivaleria a levá-los a desanimar de todo. Há outra razão, ainda mais forte, que me levou a decidir-me sem hesitar: a missão da Guiné é uma das mais importantes; lá, o número de almas a salvar é imenso, o que só por si já conta muito; além disso, é lá que temos o que nos é preciso para fazer crescer a Congregação. Se ficássemos confinados a Bourbon, não teríamos como crescer e, dentro de dez anos talvez já nem contássemos para nada, porque ninguém se teria juntado a nós. Claro que a nossa confiança deve estar unicamente em Deus; mas se a sua divina Bondade nos oferece um meio de o servirmos pela medida grande e de nos desenvolvermos, porque haveríamos de o recusar? Não estaríamos a ser ingratos?

¹⁵⁰ ND VI, pg. 73-81

Antologia Espiritana

Dizem-me: mas as doenças dos trópicos vão dar cabo dos missionários. Então será necessário deixar essa desgraçada gente no caminho da perdição! Abraçámos a Obra dos Negros, e por isso estamos obrigados a prover à salvação desses povos. Além disso, tirando Bourbon e Maurícia, encontrareis esses climas insalubres onde quer que haja negros. Abraçar a Obra dos Negros é expor-se às doenças dos trópicos! A nós compete-nos tomar as nossas precauções, à divina Bondade compete preservar-nos. A isto dou a mesma resposta que a todas as outras dificuldades em geral: se Deus quer a obra, terá que ser Ele a aguentá-la, porque ela é para ser levada por diante só em zonas insalubres. Poderão dizer-me que se deveria esperar até que a Congregação tivesse uma estrutura sólida. Primeiro, esperar não é assim tão fácil quanto isso; quando a missão se nos oferece, é pegar ou largar para outra Congregação disposta a aceitá-la; neste caso, os que teríamos querido trabalhar com os negros acabaríamos por ir para onde se nos oferecesse uma missão mais prestigiante. Além disso, se nos limitássemos a Bourbon, nunca a nossa Congregação poderia desenvolver-se o suficiente; assim, esperar nada adiantaria.

Os nossos sete missionários partiram em Setembro passado. Pensava-se nessa altura destinar quatro para a Senegâmbia e três para o Cabo das Palmas. Deus não quis que fosse assim. Recebi do ministro da Marinha uma carta, cujo conteúdo estava longe de esperar: dispõe-se a ajudar-nos. Já falei disso ao P. Le Vavasseur, que, por certo, já vos pôs ao corrente, pelo que me escuso de vos repetir tudo. Em resumo, o ministro ficou de nos dar 1.500 francos por cada missionário padre (comprometendo-se a sustentar três em cada estação missionária) e 400 francos por cada irmão; além disso, uma casa e uma capela em cada estação missionária, com todos os objetos necessários ao culto; o direito de recorrer ao médico e à farmácia da feitoria; a passagem gratuita e 600 francos para o enxoval de cada missionário; mais ainda, as despesas de viagem desde casa até ao porto de embarque, à razão de 3 francos por cada dez quilómetros; ainda, em cada nova fundação, 1000 francos por missionário para os gastos do noviciado (não quiseram dar-nos nada desta vez porque os missionários já tinham chegado a África). Pedi salários para os missionários da ilha de Bourbon; recusaram. No entanto, espero bem que não vos deixem passar mal. Mas pediram-me uma coisa que me custou muito conceder-lhes: era que os sete missionários e os três irmãos fossem colocados em três feitorias¹⁵¹. Teria preferido vê-los juntos num só lugar, quando muito em dois como até já estava disposto a fazer, ainda assim contrariado; mas não podia, por via

¹⁵¹ As feitorias eram estabelecimentos franceses de comércio ao longo da costa.

Congregação do Espírito Santo

disso, recusar as vantagens que me ofereciam. Espero que a divina Bondade nos enviará gente; tanto mais que D. Barron enviou um relatório à Propaganda Fide (Congregação da Propagação da Fé)¹⁵², no qual dá uma notícia sobre a nossa obra e sobre o seu progresso, e isso vai ser publicado em breve nos Anais.

D. Barron pregou-nos uma grande partida: obrigou os nossos pobres missionários a esperar durante mais de seis meses, fazendo assim com que chegassem na pior altura do ano. É verdade que só faltavam umas três semanas para acabar a estação das chuvas; mesmo assim, os nossos missionários teriam tido mais que tempo de cair todos doentes, sobretudo os quatro que deviam ficar na Senegâmbia. Mas a divina Providência não permitiu que isso acontecesse. As coisas passaram-se assim: todos partiram no mesmo navio que devia deixar quatro na Goreia, e era lá que estes quatro deviam esperar D. Barron (isso era antes do acordo com o Ministério, que teve lugar um mês depois da sua partida). Chegaram à Goreia na pior altura da estação das chuvas. Se os quatro tivessem ficado lá, teria corrido mal. O P. Bouchet¹⁵³ e o P. Laval¹⁵⁴ apanharam logo febres; mas em oito dias melhoraram. O que salvou os outros foi um mal-entendido que lhes fez crer, sem fundamento, que eu queria que fossem esperar o bispo a Garroway¹⁵⁵. Por isso, não desembarcaram na Goreia, mas ficaram a bordo durante os quinze dias em que o seu navio esteve nesta ilha. Tiveram, pelo menos, ainda quinze dias de mar até chegarem a Garroway; e estou em crer que tenham chegado no começo da estação seca. Não tive ainda notícias deles depois da sua chegada a Garroway. A missão da Guiné é imensa e nunca teremos pessoal suficiente para prover a todas as suas necessidades. No entanto, é preciso fazer tudo o que pudermos para não deixar cair toda esta terra nas mãos dos protestantes¹⁵⁶; porque os metodistas tentam tudo por tudo para se apoderarem dela. Temos que lhes disputar o terreno, onde quer que seja.

Não façam nunca este mau raciocínio: primeiro abraçar o certo, e só depois o incerto. Se S. Paulo tivesse raciocinado assim, nunca teria feito o que fez pela glória de Deus. É preciso que trabalhem, tendo em conta as nossas

¹⁵² Dicastério do Governo Central da Igreja, que tinha a seu cargo a atividade missionária, a que corresponde na atualidade a Congregação para a Evangelização dos Povos.

¹⁵³ François Bouchet, e não de Maurice Bouchet, que morreu mal chegado à Austrália, em 24 de Janeiro de 1846. Quanto a Marie-Pierre Bouchet, faleceu no Gabão em 23 de Março de 1856. Os dois primeiros eram do Sagrado Coração de Maria; o terceiro, que morreu depois da fusão de 1848, era do Seminário do Espírito Santo.

¹⁵⁴ Paul Laval; cf. índice onomástico.

¹⁵⁵ Garroway fica na costa da Libéria, a uns 30km a NW do cabo das Palmas.

¹⁵⁶ Os tempos do ecumenismo estão ainda longe. Mas não faltam à missão ardor e fé.

Antologia Espiritana

circunstâncias, na dilatação da Igreja e na sua defesa contra os hereges. Devemos ser generosos e não recluir tanto pelo bem da nossa pequena Congregação. Não cometer imprudências, nem nos deixarmos arrastar por imaginações infundadas; mas também não querer o sucesso assegurado antes mesmo de começar uma obra. Se não é para nos dedicarmos totalmente ao serviço de Jesus Cristo, na sua Igreja, e dispostos a sacrificar-lhe tudo, então melhor seria nem nos termos congregado.

Tenho de vos dizer também o que se passou com o Haiti (São Domingos)

Quando vi que era preciso mandar os nossos sete missionários para a Guiné, pedi ao cardeal Frasoni que nos dispensasse de São Domingos e nos autorizasse a retirar o P. Laval da ilha Maurícia. Respondeu-me que queria a toda a força que tomássemos conta de São Domingos. Escreveu-me ainda mais duas vezes a pressionar-me para enviar, quanto antes, alguém para ajudar o P. Tisserant. Numa outra carta, em que dá mostras de depositar muita confiança em nós, insiste comigo para que eu arranje quem vá em socorro desta desolada terra. A razão é que os protestantes fazem todos os esforços para se apoderarem dela. O Presidente atual (o general Hérard) está muito bem disposto; dá mostras de estima para com o P. Tisserant; pede-lhe insistentemente, até com impaciência, bons padres. Outro tanto faz a municipalidade de Port au Prince: pede também insistentemente bons padres. Não consigo resistir a enviar gente para lá. Não posso ficar indiferente quando vejo um milhão e trezentas mil almas entregues aos protestantes devido aos crimes e à negligência de seus padres, ainda por cima com a Santa Sé a encarregar-nos de defender e de salvar essas pobres almas. Pode ser que vocês, apostados como estão em defender os vossos interesses, continuem a dizer que isto é deixar o certo pelo incerto; mas acho que seria uma infidelidade para com Nosso Senhor e a sua santa Igreja abandonar esta terra, ou insistir para sermos autorizados a abandoná-la, insistência inútil, ao fim e ao cabo. Estais pois a ver, caríssimos irmãos, que me vejo pouco a pouco constrangido, bem contra a minha vontade, a ir muito para além das nossas forças. Deus virá em nossa ajuda.

Agora temos em casa quatro padres que, assim o espero, estarão prontos para ser enviados em missão em Novembro ou Dezembro. Um deles partirá mesmo antes de ser padre porque não se dá nada bem com o clima frio de França. Provavelmente terá que ir como subdiácono ou diácono e ser ordenado na Guiné. É pessoa sólida, todo de Deus. Além deste, temos ainda neste momento mais um diácono acabado de chegar e que espero que fique conosco; há mais um diácono anunciado para 15 deste mês; e talvez um ter-

Congregação do Espírito Santo

ceiro para um pouco mais tarde; logo que Maurice Bouchet¹⁵⁷ receber a ordenação sacerdotal vou ver se consigo ainda inclui-lo no primeiro grupo a ser enviado. Temos ainda mais dois padres que espero que estejam prontos a partir lá para o fim do próximo ano. E ainda dois irmãos, o nosso Negrinho¹⁵⁸, Schwindenhammer¹⁵⁹, que deve permanecer connosco em La Neuville, e seu irmão, um jovem duma piedade e duma inocência admiráveis. Poderá ser-nos útil mais tarde para a economia e o governo da horta e da casa; paga a sua pensão. Assim, somos em casa nove eclesiásticos, sete dos quais destinados às missões; mais os dois irmãos, o que faz onze. Com o nosso Negrinho e o irmão de Schwindenhammer são 13; mais um jovem médico que quer ir para a Guiné, ficando ligado à comunidade: 14; mais o diácono que deve chegar e três irmãos que se anunciam e que não posso recusar, porque são pessoas exemplares e vou precisar muito deles para a Guiné e São Domingos: 18. Éramos 17 até há pouco; os três que partiram há quinze dias fizeram baixar um pouco o número; mas, como vêem, não tarda que sejam substituídos. Bouchet virá depois da festa da Santíssima Trindade. Mas espero mais alguns que Nosso Senhor nos há de mandar para São Domingos.

Já não temos, a bem dizer, mais espaço livre em casa; estamos com a lotação esgotada. As nossas entradas em dinheiro são insuficientes para uma família tão numerosa. Deus proverá. Este ano, gastámos mais de 8.000 francos. Só dispomos de cerca de 2.000 daqui até ao fim do ano. Há de chegar. Tivemos despesas enormes este ano: para nos vermos livres do Sr. Gorgeon¹⁶⁰, o que era urgente: 500 francos; duas vacas: 500 francos; rações para o inverno: 200 francos; um jumento e uma carroça tão modesta pelo menos como o vosso cabriolé: 150 francos; um jornaleiro e a sua mulher, para tratarem da horta e das vacas: 500 francos (sem direito a alimentação); outro jornaleiro: 250 francos e alimentação; ao P. Cacheleux (para os seus pobres) a título de

¹⁵⁷ Maurice Bouchet, natural da Sabóia, nascido em 1821. Após uma 1ª tentativa missionária mal sucedida no Haiti, foi para Perth, na Austrália, onde morreu logo no início duma nova aventura missionária, em 24 de Janeiro de 1846.

¹⁵⁸ Trata-se do jovem Thiekoro, filho do rei de Bambara. O seu tio usurpou o trono a seu pai e vendeu-o como escravo. Acabou por vir parar a França, onde foi arrancado ao seu dono e protegido por Libermann, que conta detalhadamente a sua história ao seu irmão Sansão em ND IV, pg. 216-218.

¹⁵⁹ Ignace Schwindenhammer, futuro sucessor de Libermann, e irmão mais velho de Jérôme. Cf. Índice onomástico.

¹⁶⁰ Sr. Louís Gorgeon, jornaleiro, residente em La Neuville-les-Amiens (cf. ND II, pg. 428). Foi ele que em nome da comunidade tomou de aluguer ao pároco de Saint-Leu-les-Amiens o terreno de perto de 2 hectares à volta da casa do noviciado.

Antologia Espiritana

pagamento das aulas de teologia que dá aos nossos candidatos: 500 francos; ao P. Ridoux pelas aulas de latim ao nosso Negrinho: 200 e tal francos; de pensão ao seminário de Paris pelo senhor Bouchet e um outro senhor: 700 a 800 francos; contribuições: mais de 220 francos. A isso acrescentem pelo menos 500 a 600 francos por ano em portes de cartas. A conta das cartas do último trimestre ascende a 137,10 francos, sem contar as taxas que tenho de mandar pagar, e que são muito consideráveis. No penúltimo trimestre a soma total ultrapassou os 200 francos. Façam as contas e vejam se não é preciso confiar mesmo em Deus...

O P. Libermann prossegue com a listagem detalhada das despesas; “a capela com um dormitório por cima” (85 pés de comprimento) chegará a 20.000 francos. Face a todas estas despesas, não lhe é possível ajudar a comunidade de Bourbon: esta é que deveria ajudar o noviciado.

Depois de vos ter dado esta visão global, volto ao assunto dos membros atuais e futuros da Congregação. Primeiro, na Guiné, sete padres: o P. de Régnier, superior provincial; os PP. Bessieux e Bouchet, superiores de comunidade, e com eles os PP. Roussel, Audebert, Maurice e Laval (de Rennes)¹⁶¹. Este último decidiu ele mesmo partir para as missões e depois veio falar comigo a Paris acompanhado de D. Barron, que o tinha aceitado. Tinha só alguns meses de noviciado. Disse-lhe que ao fim de três meses de perseverança na sua vocação o podemos admitir na Congregação, na Guiné.

[...]

A propósito dos “irmãos levados” para a Guiné, o P. Libermann diz que foi um erro tê-los dispensado do noviciado, por mais necessários que eles fossem para o ensino do artesanato e nas escolas: “estes bons irmãos vão dar-lhes bem que fazer”. Faz ainda uma referência aos missionários de São Domingos, 2 padres e 1 irmão e ao P. Laval, na Maurícia. Diz aos de Bourbon que eles devem espalhar a devoção a Nossa Senhora das Vitórias. E acrescenta:

Quando escreverem, procurem pôr numa folha à parte as coisas que não podem ser lidas por toda a gente, e noutra o que é para ser lido por todos.

O texto de ND acaba assim mesmo, sem saudações, nem assinatura.

¹⁶¹ Cf. índice onomástico para estes antropónimos.